

## A SEMANA – 116

John Gledson

Esta crônica dá uma sensação de falta de assunto, confirmada pelo fim abertamente aliviado. Com efeito, os jornais da semana parecem singularmente desinteressantes. A “inspiração” da crônica parece ser o telegrama de Madrid, que infelizmente não encontrei, mas que certamente não é invenção. As digressões sobre o leitor da *Gazeta* de 1944, e a conversa final, parecem vir do estoque do cronista; servem para encher espaço. Os comentários sobre o “congraçamento” e pacifismo dos brasileiros (intimamente ligados à corrupção, pois certamente os polícias não saíam sem alguma recompensa), e sobre a inutilidade das tentativas de controlar uma atividade tão difundida e popular – precisaria um “tanoeiro ciclópico” para conter essa “água” toda – também são características do autor.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 147-150.



## A SEMANA

19 de agosto de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Tem havido grandes cercos e entradas da polícia em casas de jogo.<sup>1</sup> Sistemáticamente, a autoridade procura dispersar os religionários da Fortuna, e trancar os antros da perdição. Esta frase não é nova, mas o vício também é velho, e não se põe remendo novo em pano velho, diz a Escritura.<sup>2</sup> Já se jogava no tempo da Escritura; lançaram-se dados sobre a túnica de Jesus Cristo.<sup>3</sup> Na China, em que há tudo desde muitos milhares de anos, é provável que o jogo se perca na noite dos tempos. Maomé, que tinha algumas partes de grande homem, apesar de ser o próprio cão tihoso, consentiu o uso do xadrez aos seus árabes, e fez muito bem;<sup>4</sup> é um jogo que não admite quinielas, e, apesar de ter cavalos, não se dá ao aperfeiçoamento da raça cavalariça, como os vários derbys<sup>5</sup> deste mundo.

Antes de ir adiante, deixem-me pôr aqui uma observação que fiz e me pareceu digna de nota. Compilador do século vinte, quando folheares a coleção da *Gazeta de Notícias*, do ano da graça de 1894, e deres com estas linhas, não vás adiante sem saber qual foi a minha observação. Não é que lhe atribua nenhuma mina de ouro, nem grande mérito; mas há de ser agradável aos meus manes saber que um homem de 1944 dá alguma atenção a uma velha crônica de meio século. E se lewares a piedade ao ponto de

---

<sup>1</sup> Os jornais atacavam frequentemente as casas ilegais de tavolagem, que associavam ao Encilhamento, que “desorganizou completamente o sistema de trabalho honrado, os nossos costumes simples, os nossos elementos de prosperidade” (*Correio da Tarde*, 1º de agosto de 1894); n’*O Tempo* (jornal florianista) de 18 de agosto, sob o título “CASAS DE JOGO”, vem uma longa carta de um leitor, que começa assim: “Não há dúvida que jamais a polícia do Rio de Janeiro se houve com tanta energia, tratando-se de casas de tavolagem, como presentemente. / Casas que sempre foram ‘respeitadas’ pelas autoridades são cercadas, varejadas e seus donos multados, indo roletas, mesas, baralhos etc. parar na polícia. Muito bem.” Acusa os principais donos destas casas de serem estrangeiros, que deviam ser deportados.

<sup>2</sup> Mateus 9:16 e Marcos 2:21.

<sup>3</sup> João 19:23-24.

<sup>4</sup> Parece que Machado errou aqui: num dos *hadith* (coletânea de ditados do profeta) o xadrez é proibido, por ser um gasto inútil de tempo. A certeza não é total, porém, e há longas disputas sobre o assunto, muitas delas na internet.

<sup>5</sup> Esta palavra está assim, em redondo, no jornal. Aurélio põe em itálico.

escrever em algum livro ou revista: “Um escritor do século XIX achou um caso de cor local que não nos parece destituído de interesse...”, se fizeres isto, podes acrescentar como o soldado da canção francesa:

Du haut du ciel, – ta demeure dernière, –  
Mon colonel, tu dois être content.<sup>6</sup>

Sim, meu jovem capitão, ficarei contente, desde já te abençoo, compilador do século vinte; mas vamos à minha observação.

A marcha ordinária da polícia é entrar na casa, apreender a roleta, as cartas, os dados, multar o dono em quinhentos mil-réis e sair. Enquanto ela entra, os fregueses escondem-se ou fogem pelos muros ou pelos telhados. O dono da casa raramente foge; afeito à guerra, sabe que recebeu um balázio, e força é deixar algum sangue. Quando, porém, acontece serem todos apanhados entre o 10 e o 22, ou entre a sota e o ás, parece que há gestos de acatamento e consideração. É quase provável que, terminada a ação policial, todos eles acompanhem os agentes até o patamar, com reverências.

Ora bem; telegramas de Espanha dizem que a polícia deu em uma casa de jogo de Madrid, onde achou muitos fidalgos. Que pensais que fizeram os fregueses? Que fugiram pelos fundos ou pelos telhados? Não, senhor; os fregueses correram<sup>7</sup> aos trabucos que haviam trazido consigo e travaram combate com a polícia. Não dizem os telegramas se venceram ou foram vencidos, nem quantos morreram. Também não quero sabê-lo. O que me importa em tudo isso<sup>8</sup> é a cor local. Vede bem como estamos na Espanha. Um fidalgo, que terá talvez o direito de se cobrir diante do rei, jamais consentirá que um alguazil lhe deite mão ao ombro, e primeiro a decepará com uma bala.

Essa notícia, que parece nada, explica o fracasso da nossa Ópera Nacional.<sup>9</sup> O caso da tavolagem de Madrid daria nas mãos de um Mérimée uma novela como a *Carmen*, de onde viria um maestro extrair uma ópera.<sup>10</sup> Os espanhóis têm a sua ópera, que é a zarzuela. Não lhes hão de faltar assuntos, pois que sabem fugir da realidade

---

<sup>6</sup> Palavras da canção “Je suis veuve d’un colonel”, de *La vie parisienne*, de Jacques Offenbach (1819-1880), que estreou em 1866. No original: “Que de là-haut, du haut du ciel, / Sa demeure dernière, / Il est content, mon colonel, / Ou, du moins, je l’espère. / Es-tu content, mon colonel?”

<sup>7</sup> No jornal, está “corram”, engano já corrigido por Aurélio.

<sup>8</sup> Aqui, no jornal, há um “não”, que não parece fazer sentido, e já foi omitido (sem comentário) por Mário de Alencar e Aurélio.

<sup>9</sup> Este projeto, iniciativa do militar espanhol d. José Amat, e do qual Machado participou, durou de 1857 a 1863; encenou a primeira ópera de Carlos Gomes, *A noite do castelo*. No jornal, está “nova”, evidente engano, pois não só não havia tal nova Ópera; a frase se repete mais tarde corretamente.

<sup>10</sup> Prosper Mérimée (1803-1870), um dos autores preferidos de Machado, é autor de *Carmen* (1845), novela em que se baseou Georges Bizet (1838-1875) para sua célebre ópera do mesmo nome (1874).

chata das lutas incruentas, e os bons fidalgos defendem o rei de copas com o mesmo brio e prontidão com que defenderiam o rei da Espanha. Como fazermos a mesma coisa? Não só não há trabucos nas nossas casas de jogo, mas as próprias bengalas são esquecidas nos momentos de crise. Ao primeiro apito, pernas. Ao primeiro vulto, muros. Quando sucede faltarem as pernas e os muros, sobram sorrisos e barretadas. Nunca deixarei de aprovar uma atitude ou um movimento que exprima respeito à autoridade e reconhecimento implícito do erro; mas com isto fazem-se catecismos, apólogos morais e partes de polícia. Óperas é que não.

Explicado assim o fracasso da nossa Ópera Nacional, deixem-me confessar que nem tudo são Óperas neste mundo. Há palavras sem música. Daí as nossas diligências, que, se perdem pelo lado estético, lucram pelo lado moral. Por isso mesmo, convém apoiá-las. Toda repressão é pouca. Se, porém, basta o zelo da autoridade e a energia dos seus agentes, não sei. Pode suceder que a ação da polícia seja igual à das Danaides,<sup>11</sup> e que o imenso tonel não chegue a depositar um litro de água. Primeiro seria preciso calafetá-lo, a fim de que a água não se escoe da rua do Lavradio para a dos Inválidos.<sup>12</sup> Onde está, porém, esse tanoeiro ciclópico?

Não induzam daqui que eu quero ver interrompido o serviço das Danaides, nem concluem da citação do telegrama de Madrid que aprovo o uso do trabuco. Não, Deus meu; tanto não quero uma coisa, nem aprovo outra, que aplaudo ambas as contrárias. E perdoem-me se insisto neste ponto. Nem todos os leitores concluem logicamente. Muitos há que, se alguém acha o Rangel mais elegante que o Bastos, exclamam convencidos:

– Ah! já sei, é amigo do Rangel!

E todo o tempo é pouco para replicar:

– Não, homem de Deus, não sou amigo nem inimigo do Rangel; creio até que ele me deve dez tostões. O que digo, é que, comparado com o Bastos, o Rangel é mais elegante.

– Pobre Bastos! Ódio velho não cansa. Por que não confessa logo que o detesta?

– Mas eu não detesto o Bastos; simpatizo até com ele, e, se bem me lembro, devo-lhe um favor, não pequeno, aqui há anos, tanto mais digno de lembrança quanto foi espontâneo...

– Mas por que lhe chama lapuz?

---

<sup>11</sup> As Danaides, as cinquenta filhas de Danaus, que, forçadas a se casar com seus primos, mataram-nos todos (menos um) na noite de bodas; foram condenadas no Hades a encher de água uma peneira.

<sup>12</sup> Um dos mais importantes “frontões”, onde se jogava a pelota vasca (e se apostava), o Frontão Fluminense, encontrava-se na rua do Lavradio, por detrás do morro de Santo Antônio. A dos Inválidos corre paralela a ela, mais para baixo.

- Que lapuz? Não disse tal. Disse que acho o Rangel mais elegante...
- Que o adora, em suma.

Não há sair daqui. O melhor, em tais casos, é calar a boca, ou encerrar o escrito, se se escreve. Viva Deus! Creio que está finda a crônica.

